

CRÓNICA

A palavra crónica vem do grego “Khronos” que significa “Tempo”.

Trata-se, então, de um tipo de texto muito marcado pelo tempo em que se insere e a que se reporta.

Diríamos que uma crónica é um texto em que o autor faz uma reflexão ou um comentário sobre algum facto, pessoa ou circunstância, que num determinado momento e por alguma razão provocou no autor um acto de análise.

Por vezes a crónica aborda temas da “ordem do dia”, outras vezes discursa sobre assuntos intemporais mas que por este ou aquele motivo provocou no autor a vontade ou a necessidade de o “pensar” na actualidade, no tempo presente. Mas o que dá unidade a este tipo de texto é o facto de ser uma reflexão mais ou menos pessoal, e portanto subjectiva, às vezes polémica ou irónica, que traduz a visão e a percepção que o autor tem do mundo que o rodeia no tempo presente.

É, por isso, um texto marcadamente pessoal, normalmente curto, com um estilo que se aproxima do literário. A linguagem é rica, subjectiva, com recursos estilísticos, embora de fácil compreensão e leitura.

1.1. Características do registo linguístico

- uso de registo formal, por vezes literário, mas simultaneamente com um tom coloquial, quase de discurso directo.
- utilização de recursos estilísticos tornando crónica mais emotiva (*metáforas, imagens, personificações, hipérboles, sinédoques, hipálages...*);
- recurso a uma pontuação expressiva, como marca da subjectividade e da presença expressiva do autor;
- estrutura não formal – não há uma estrutura específica da crónica, prevalecendo a construção textual típica de cada autor;
- discurso centrado no emissor (primeira pessoa) e no receptor (terceira pessoa)

1.2. Estrutura da crónica

Embora sabendo que a crónica pode apresentar muitas estruturas e que não há uma forma única de a escrever, podemos apresentar uma estrutura básica:

- Título – de tamanho variável, mas indiciador da posição do autor sobre o tema comentado; é frequentemente a “chave” da interpretação da crónica;
- Introdução – identificação do facto ou circunstância que motivou a crónica;
- Desenvolvimento – reflexão do autor sobre o facto, circunstância ou pessoa que motivou a crónica. A cada ideia principal corresponderá um parágrafo.
- Conclusão – remate da crónica, com uma ideia global, que sistematiza e traz à evidência o resultado da reflexão do autor.

EXEMPLO DE UMA CRÓNICA

Em nome do amor puro

Há coisas que não são para se perceberem. Esta é uma delas. Tenho uma coisa para dizer e não sei como hei-de dizê-la. Muito do que se segue pode ser, por isso, incompreensível. A culpa não é minha. O que for incompreensível não é mesmo para se perceber. Não é por falta de clareza. Serei muito claro. Eu próprio percebo pouco do que tenho para dizer. Mas tenho de dizê-lo.

O que eu quero fazer é o elogio do amor puro. Parece-me que já ninguém se apaixona de verdade. Já ninguém quer viver um amor impossível. Já ninguém aceita amar sem uma razão. Teixeira de Pascoaes meteu-se num navio para ir atrás de uma rapariga inglesa com quem nunca tinha falado. Estava apaixonado, foi parar a Liverpool. Quando finalmente conseguiu falar com ela, arrependeu-se. Quem é que hoje é capaz de se apaixonar assim?

Hoje em dia as pessoas apaixonam-se por uma questão prática. Porque dá jeito. Porque são colegas e estão mesmo ali ao lado. Porque se dão bem e não se chateiam muito. Porque faz sentido. Porque é mais barato. Por causa da casa. Por causa da cama. Por causa das cuecas e das calças e das contas da lavandaria.

Hoje em dia as pessoas fazem contratos pré-nupciais, discutem tudo de antemão, fazem planos e à mínima merdinha entram "em diálogo". O amor passou a ser passível de ser combinado. Os amantes tornaram-se sócios. Reúnem-se, discutem problemas, tomam decisões. O amor transformou-se numa variante psico-sócio-bio-ecológica da camaradagem. A paixão, que deveria ser desmedida, é na medida do possível. O amor tornou-se uma questão prática. O resultado é que as pessoas, em vez de se apaixonarem de verdade, ficam praticamente apaixonadas.

Eu quero fazer o elogio do amor puro, do amor cego, do amor estúpido, do amor doente, do único amor verdadeiro que há. Estou farto de conversas, farto de compreensões, farto de conveniências de serviço. Nunca vi namorados tão embrutecidos, tão cobardes e comodistas como os de hoje. Incapazes de um gesto largo, de correr um risco, de um rasgo de ousadia, são uma raça de telefoneiros e capangas de cantina, malta do "tá-se bem, tudo bem", tomadores de bicas, alcançadores de compromissos, bananóides, borra-botas, matadores do romance, romanticidas.

Já ninguém se apaixona? Já ninguém aceita a paixão pura, a saudade sem fim, a tristeza, o medo, o desequilíbrio, o custo, o amor, a doença que é como um cancro a comer-nos o coração e que nos canta no peito ao mesmo tempo?

O amor é uma coisa, a vida é outra. O amor não é para ser uma ajudinha. Não é para ser o alívio, o repouso, o intervalo, a pancadinha nas costas, a pausa que refresca, o pronto-socorro da tortuosa estrada da vida, o nosso "dá lá um jeitinho" sentimental. Odeio esta mania contemporânea por sopas e descanso. Odeio os novos casalinhos. Por onde quer que se olhe, já não se vê romance, gritaria, maluquice, fachada, abraços, flores. O amor fechou a loja. Foi trespassado ao pessoal da pantufa e da serenidade.

Amor é amor. É essa a beleza. É esse o perigo. O nosso amor não é para nos compreender, não é para nos ajudar, não é para nos fazer felizes. Tanto pode como não pode. Tanto faz. É uma questão de azar. O nosso amor é para nos amar, para levar-nos de repente ao céu, a tempo de ainda apanhar um bocadinho de inferno aberto. O amor é uma coisa, a vida é outra. A vida às vezes mata o amor. A "vidinha" é uma conveniência assassina.

O amor puro não é um meio, não é um fim, não é um princípio, não é um destino. O amor puro é uma condição. Tem tanto a ver com a vida de cada um como o clima. O amor não se percebe. Não é para se perceber. O amor é um estado de quem se sente.

O amor é a nossa alma. É a nossa alma a desatar. A desatar a correr atrás do que não sabe, não apanha, não larga, não compreende. O amor é uma verdade. É por isso que a ilusão é necessária. A ilusão é bonita. Não faz mal. Que se invente e minta e sonhe o que se quiser. O amor é uma coisa, a vida é outra. A realidade pode matar. O amor é mais bonito que a vida. A vida que se lixe.

Num momento, num olhar, o coração apanha-se para sempre. Ama-se alguém. Por muito longe, por muito difícil, por muito desesperadamente. O coração guarda o que se nos escapa das mãos. E durante o dia e durante a vida, quando não está lá quem se ama, não é ela que nos acompanha - é o nosso amor, o amor que se lhe tem.

Não é para perceber. É sinal de amor puro não se perceber, amar e não se ter, querer e não guardar esperança, doer sem ficar magoado, viver sozinho, triste, mas mais acompanhado de quem vive feliz. Não se pode ceder, não se pode resistir. A vida é uma coisa, o amor é outra. A vida dura a vida inteira, o amor não. Só um minuto de amor pode durar a vida inteira. E valê-la também.